



Colocação pronominal em português: uma proposta para um contínuo luso-afro-brasileiro

Ana Regina Vaz Calindro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

ORCID: 0000-0003-2171-5307

E-mail: anacalindro@letras.ufrj.br

Matheus Gomes Alves

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

ORCID: 0000-0001-8109-5299

E-mail: professormatheusalves@gmail.com

Adriana Leitão Martins

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

ORCID: 0000-0003-0510-2586

E-mail: adrianaleitao@ufrj.br

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para a descrição e a análise da sintaxe dos clíticos das línguas naturais. Os objetivos específicos são: a) investigar a colocação de clíticos em português europeu (PE), português brasileiro (PB), português angolano (PA), português são-tomense (PST) e português moçambicano (PM) e b) propor um contínuo entre essas línguas no que tange aos padrões de colocação pronominal. Em relação a tal padrão, defende-se que as referidas línguas formariam o seguinte contínuo: (- proclíticas) PE > PST > PM > PA > PB (+ proclíticas). Sustenta-se, ainda, que a formulação de um contínuo entre essas línguas em relação ao fenômeno sob análise levaria em consideração os seguintes fatores: a) a possibilidade ou a impossibilidade de próclise em início absoluto de oração, b) a opacidade ou não de operadores de próclise e c) a frequência bruta de índices de próclise e ênclise. Interpreta-se, também, que a sugestão de um contínuo sintático poderia ser reforçada por fatores como a aquisição da língua como L1 e a presença de outros idiomas no contexto do PST, PM e PA, ocasionando uma transmissão com características de aprendizado de L2 para outras gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Colocação Pronominal; Variedades do português; Contínuo.



Pronominal collocations in portuguese: a proposal for a Luso-Afro-Brazilian continuum

ABSTRACT

The main goal of this paper is to contribute to the description and analysis of clitic syntax in natural languages. The specific goals are: a) to investigate the placement of clitics in European Portuguese (EP), Brazilian Portuguese (BP), Angolan Portuguese (AP), São Tomean Portuguese (STP), and Mozambican Portuguese (MP); and b) to propose a continuum among these languages regarding patterns of pronominal placement. Concerning this pattern, it is argued that the aforementioned languages would form the following continuum: (- proclitic) EP > STP > MP > AP > BP (+ proclitic). It is further maintained that the formulation of a continuum among these languages regarding the phenomenon under analysis would take into consideration the following factors: a) the possibility or impossibility of proclitic placement at the absolute beginning of a sentence, b) the opacity or non-opacity of proclitic operators, and c) the raw frequency of proclitic and enclitic indices. It is also interpreted that the suggestion of a syntactic continuum could also be reinforced by factors such as the acquisition of the language as an L1 and the presence of other languages in the context of the PST, PM and PA, causing a transmission with L2 learning characteristics to other generations.

KEYWORDS: Clitic Placement; Portuguese Varieties; Continuum.

1. Introdução

Nosso objetivo é contribuir para a descrição e a análise da sintaxe dos clíticos, focando na colocação de clíticos empregados junto às lexias simples e complexas em português. Especificamente, investigaremos a colocação pronominal em português europeu (PE), português brasileiro (PB), português angolano (PA), português são-tomense (PST) e português moçambicano (PM). Com base na análise dos dados, será proposto um contínuo em relação à colocação pronominal nessas línguas.

Desde o século XVIII, o PE apresenta ênclise generalizada e a próclise ocorre em contextos bem definidos, como em sentenças finitas com atratores de próclise: complementizadores, negação, quantificadores e alguns advérbios. Em PB contemporâneo, a próclise é a colocação padrão, com características próprias que a diferem da dos períodos anteriores do português, assim como da próclise verificada em PE contemporâneo (GALVES, TORRES MORAIS & RIBEIRO, 2005 – doravante GTR). A ênclise aparece em dados escritos devido à pressão normativa. Em PA, há uma tendência à próclise generalizada, com mais características semelhantes ao PB que ao PE do qual PA se originou. PM apresenta uma tendência à próclise inclusive em primeira posição, assim como PB, porém ainda apresenta ênclise em contextos distintos do PB. Por fim, PST apresenta variação entre ênclise e próclise em diversos contextos. Porém, no contexto de primeira posição, ocorre ênclise, além de ser sensível aos elementos atratores de próclise, como o PE.

Neste artigo, focaremos em sentenças simples com verbos finitos, que podem ocorrer nos seguintes contextos: i. V1 – em que o verbo está em primeira posição absoluta (cf. 1), ou o material que o antecede não tem relação gramatical com ele (cf. 2), tanto em períodos simples como em coordenados (cf. 3); ii. V2 – verbo precedido por sujeito (cf. 4), ou por algum tipo

de expressão fronteada (sintagma preposicionado ou advérbio) (cf. 5); iii. em sentenças com locuções verbais (cf. 6)¹.

- (1) a. **Chamo-me** Fátima – disse a moça. (PE)
b. **Me chamo** Fátima – disse a moça. (PB)
- (2) a. Tem sonhos, **emociona-se**, e está apaixonado ... (PE)
b. Tem sonhos, **se emociona**, e está apaixonado ... (PB)
- (3) a. Depois apanhou duas pedras no chão e **recolocou-as** no alforje. (PE)
b. Depois apanhou duas pedras no chão e **as recolocou** no alforje. (PB)
- (4) a. Ele **parece-me** mais velho e mais sábio. (PE)
b. Ele **me parece** mais velho e mais sábio. (PB)
- (5) a. Depois **ensinaste-me** coisas belas... (PE)
b. Depois **me ensinou** coisas belas... (PB)
- (6) a. E **tinham-se entendido** perfeitamente. (PE)
b. E **tinham se entendido** perfeitamente. (PB)

(GTR, 2005, p. 145-147, 148)

Devemos ressaltar que o PE serve como o padrão normativo a ser seguido no Brasil e nos países africanos, pois é a variedade da qual partiram as demais. Logo, as variações encontradas nas diferentes variedades do português podem ser entendidas como efeito de gramáticas em competição (KROCH, 2001). Em PB, por exemplo, apesar de a próclise ser a colocação pronominal predominante, a ênclise está presente em textos escritos e em situações de fala monitorada, como comprovam dados do NURC².

Em relação às lexias complexas, podemos verificar nos exemplos em (6) que o PB apresenta uma inovação em relação ao PE, pois o clítico em (6b) encontra-se, na verdade, proclítico ao verbo principal, ao passo que em (6a) está enclítico ao auxiliar. Segundo GTR (2005), além da presença do hífen, em sentenças nas quais uma preposição precede o verbo principal (cf. 7a), fica clara a posposição do clítico ao auxiliar. Além disso, quando há atratores de próclise, há o movimento de subida do clítico em PE, o que não ocorre em PB (cf. 8):

- (7) a. O senhor **está-me** a guiar. (PE)
b. O senhor **está me guiando**. (PB)

¹ Esses exemplos foram retirados pelas autoras da versão brasileira original e da versão portuguesa adaptada da obra *O Alquimista*, de Paulo Coelho.

² O Projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta) é um projeto que iniciou no Brasil na década 60, com o objetivo de investigar as características linguísticas da norma culta falada nas grandes cidades brasileiras e descrevê-las.

- (8) a. Como **se tinha comportado** de maneira correta... (PE)
 b. Como **tinha se comportado** de maneira correta... (PB)

(GTR, 2005, p. 149)

Em PE, a ênclise não é licenciada com as formas participiais do verbo, porém é possível com infinitivos, enquanto, em PB, o clítico é anteposto ao verbo principal (cf. 9)³:

- (9) a. As ovelhas também **vão acostumar-se**. (PE)
 b. As ovelhas também **vão se acostumar**. (PB)

(GTR, 2005, p. 150)

Além disso, no continente africano, o português ainda nos dias de hoje convive com as línguas autóctones. Em São Tomé e Príncipe, por exemplo, português era essencialmente L2 até o início do século XXI, como será discutido mais detalhadamente na seção 2.5. Logo, a norma baseada no PE era a regra estabelecida desde a primeira colonização do país pelos portugueses no século XVI, e ainda tem forte influência, atuando como um superstrato do PST (cf. BARROS e CALINDRO, 2023), diferentemente do PB, cujo distanciamento do PE é atestado desde o século XVIII.

Para alcançarmos nosso objetivo neste artigo, além desta introdução, na seção 2, traremos considerações gerais sobre a colocação pronominal, bem como as características de cada variedade do português analisada; na seção 3, traremos um comparativo entre as considerações apresentadas na seção 2 e faremos a proposta de um contínuo entre as variedades do português; finalmente, na última seção, apresentaremos as considerações finais.

2. Considerações gerais em relação à colocação pronominal nas distintas variedades do português

Nesta seção, apresentaremos características gerais da colocação pronominal de cada variedade do português. Segundo Carneiro (2016), apesar da pressão normativa, há fenômenos que parecem ser imunes ao estigma social, como fica claro em alguns contextos em PB. Por exemplo, o uso de um pronome nominativo em função de acusativo, como ‘vou encontrar *ela*’, é estigmatizado, já, principalmente na fala, o uso de próclise em primeira posição, como ‘*me* entrega o texto’, no lugar de ‘entrega-*me* o texto’, não é.

A próclise é o padrão geral encontrado em PB, ao passo que a ênclise é o padrão comum em PE, nos mesmos contextos. Além disso, a próclise ocorre em PE nos contextos em que há elementos atratores de próclise, já em PB o clítico antecede o verbo, independentemente da presença de atratores. Apesar dessa constatação a respeito do PB, as gramáticas tradicionais normativas

³ A ênclise com infinitivos em PB é favorecida pela 3ª pessoa. Está presente na escrita e na fala monitorada dos brasileiros, pois é adquirida via escolaridade (KATO, CYRINO e CÔRREA, 2009).

usadas nas escolas brasileiras ainda consideram a ênclise a norma padrão culta a ser seguida (cf. CALINDRO, 2009).

Sobre o PE, com base no *corpus* CORDIAL-SIN⁴, Vieira (2011) confirma o efeito atrator de próclise das partículas de negação, advérbios, elementos de focalização, estruturas clivadas, elementos subordinativos e preposições *para, de, por e sem*. Contudo, segundo a autora, as preposições *a* e *em* não favorecem a anteposição ao verbo, assim como SN sujeito, elementos discursivos e conjunções coordenadas.

No PE contemporâneo, portanto, ocorre ênclise generalizada e os contextos de próclise são bem específicos. Duarte, Matos e Gonçalves (2005) assumem que ocorre colocação pós-verbal em PE, devido ao fato de os clíticos terem passado por um processo de reanálise, o que os torna quasi-sufixos, enquanto, para o PB, as autoras afirmam que a próclise é o padrão porque esta variedade não passou por esse processo de reanálise, o qual associam a um enfraquecimento generalizado da morfologia pronominal do PB.

Diferentemente de Duarte, Matos e Gonçalves (2005), GTR (2005) afirmam que a presença da ênclise em PE e sua ausência em PB não está relacionada às propriedades intrínsecas dos clíticos – que seriam quasi-sufixos em PE e pronomes em PB –, mas ao efeito *Não-Inicial* presente em PE e não em PB. Segundo as autoras, em PE, os clíticos são afixos, sujeitos a restrições morfológicas tal como quaisquer outros afixos, uma delas sendo a condição *Não-Inicial*, que define uma posição na qual um elemento átono não pode ocorrer.

Ademais, GTR (2005) argumentam que a perda da ênclise em PB não deve ser associada a um enfraquecimento da morfologia pronominal nessa variedade, mas, sim, ao enfraquecimento da flexão verbal, o que deflagrou o fato de os clíticos em PB se anteporem ao verbo que a eles atribui papel temático e não ao auxiliar, como em PE. Assim, há uma nova posição para clíticos em PB, diferente tanto de PE quanto de português clássico (PC), que seria a próclise às formas não finitas (conferir itens b de (7) a (9)). Ademais, PE permite a subida do clítico (cf. (8a)), o que confirma sua relação com o auxiliar, nunca com gerúndio ou participio. Em PB, contudo, o clítico não é alçado, uma vez que antecede o verbo principal; esse fato é confirmado pela possibilidade da intervenção de um advérbio ou expressão adverbial entre o verbo auxiliar e o principal:

(10) (...) não **posso** no momento **lhe dar**. (PB)

(GTR, 2005, p. 163)⁵

É importante ressaltar que PB não derivou diretamente do PE, mas sim do PC que aportou no Brasil no século XVI (GALVES, 2007, 2020). Logo, ocorreram dois processos paralelamente, o do reforço da próclise em PB e o da implementação da ênclise no PE. Assim, a ênclise generalizada do PE é uma inovação que foi acompanhada pela mudança na posição do sujeito, como argumenta Paixão de Sousa (2004).

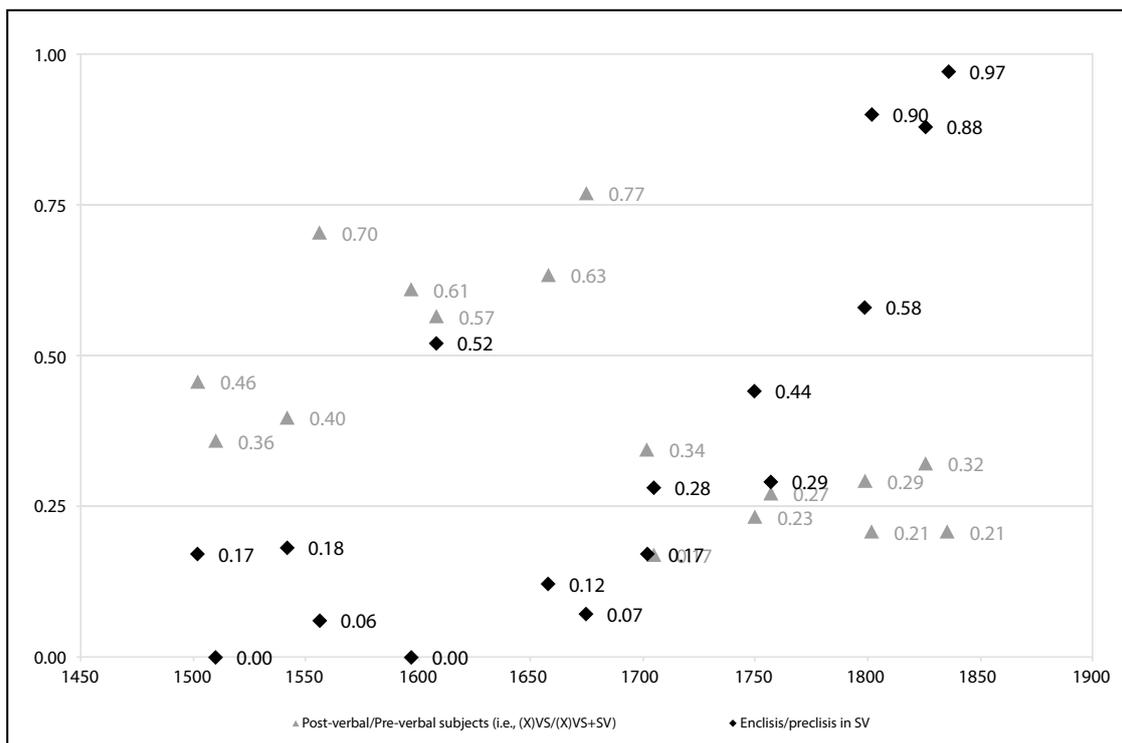
⁴ O *corpus* CORDIAL-SIN é uma amostra de português popular oral do final do século XX, composto por entrevistas com informantes não escolarizados de diversas regiões de Portugal.

⁵ Exemplo retirado dos dados do projeto NURC.

2.1 Português europeu

Algumas propriedades sintáticas presentes no PE moderno se desenvolveram a partir do século XVIII, tais como ênclise, posição do sujeito e ordem de palavras (cf. GALVES, 2007, 2020). Assim, dados diacrônicos atestam aumento da ênclise a partir do século XVIII, concomitantemente à queda da ordem VS na virada desse século, como se verifica no gráfico 1.

GRÁFICO 1. A evolução da ordem VS e da ênclise do século XVI ao século XIX



Fonte: GALVES, 2020, p. 19.

De acordo com Galves e Lobo (2009, p. 176), até o século XVI, havia uma forte tendência à próclise no PE. Já no século XVIII, a ênclise se torna o padrão em autores nascidos na segunda metade do século, como atestam Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), ao analisarem dados do *corpus* Tycho Brahe. A ênclise, então, passa a ser a colocação pronominal padrão no PE moderno.

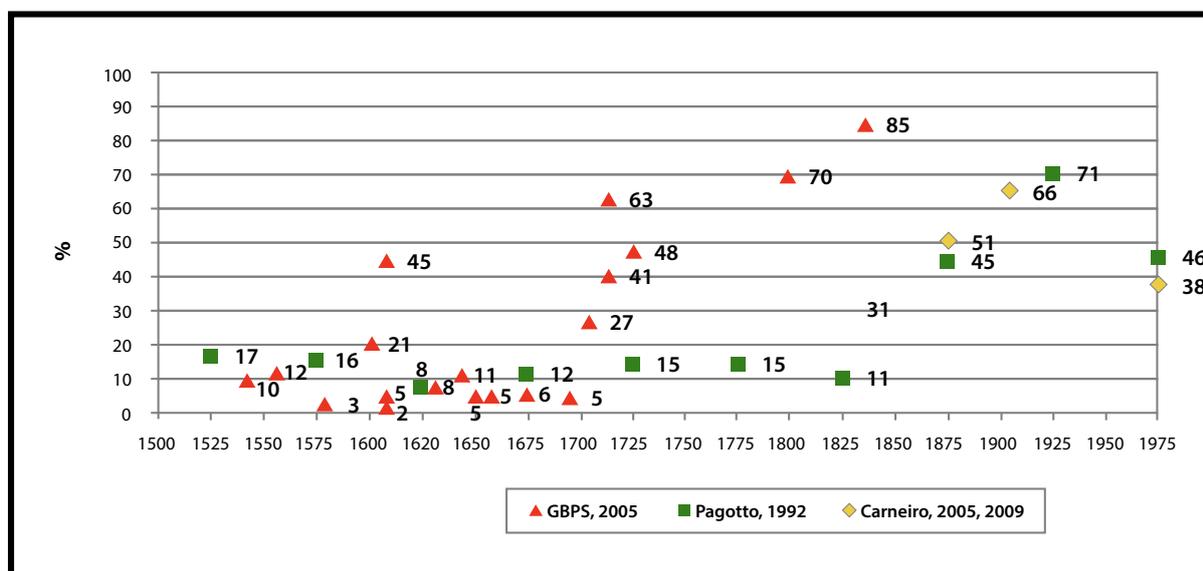
Logo, os séculos XVI e XVII seriam o período em que havia próclise em PE. Esse fato é de extrema relevância para a nossa análise, pois marca o início da colonização portuguesa no Brasil, Angola, Moçambique e São Tomé, como discutiremos ao longo deste artigo. Apesar de o processo de colonização nesses países ter características sócio-históricas bem distintas, o fato de o primeiro contato com a língua do colonizador ser em um período em que a língua apresentava o padrão próclítico é relevante para esta discussão. Galves e Lobo (2009) argumentam que esse fato pode estar relacionado ao porquê de se dar preferência à próclise em PB sem restrição de contexto, por exemplo.

2.2 Português brasileiro

Como citado na seção anterior, assim como houve mudanças ao longo da história do PE, o PB estava desenvolvendo características próprias, principalmente a partir do século XVIII (GALVES, 2001, 2020), tal como a colocação pronominal proclítica.

No gráfico 2, verificamos a evolução da ênclise em dados do português europeu, reportados em Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), que analisaram o *corpus* Tycho Brahe – os dados dos autores portugueses das obras que compõem esse *corpus* são organizados com base na data de nascimento dos autores, referidos no gráfico como GBPS (2005). Ademais, o gráfico ilustra o estabelecimento da variação entre ênclise e próclise em PB, como se verifica nos dados coletados de dois *corpora* brasileiros escritos, Pagotto (1992) e Carneiro (2005), organizados por data de produção.

GRÁFICO 2. A evolução da ênclise em orações V2 não dependentes



Fonte: GALVES, 2020, p. 26.

No vernáculo brasileiro, há generalização da próclise e a ênclise passa a se restringir a três contextos – indeterminação do sujeito (*necessita-se de voluntários no hospital*), clíticos de 3ª pessoa após verbos no infinitivo (*irei trazê-la amanhã*) e expressões fixas (*dane-se*).

Como reportado anteriormente, de acordo com GTR (2005, p. 143), as diferenças entre a colocação pronominal em PE e PB emergem da interação entre duas propriedades. Do ponto de vista sintático, os clíticos em PE estão relacionados à flexão temporal da sentença, já os clíticos em PB estão relacionados ao verbo em si, e não à sua flexão, como vimos nos exemplos com complexos verbais. Já do ponto de vista morfofonológico, os clíticos em PE nunca ocorrem em primeira posição, mas em PB ocorrem. Por fim, é importante ressaltar que os atratores de próclise do PE não têm efeito em PB, uma vez que o padrão nesta variedade é a próclise.

2.3 Português angolano

De acordo com Silva e Araújo (2022), a colocação pronominal em PA é variável em todos os contextos. Ao analisar seus dados orais coletados em Luanda, os autores já notam um *continuum* entre as variedades do português e consideram o PA mais próximo ao PB que ao PE. O *corpus* dos autores é composto por duas amostras de fala, cujos entrevistados afirmaram possuírem o português como língua materna⁶.

Na análise dos dados, o fator principal considerado pelos autores é o elemento que antecede o verbo: o elemento proclisador tradicional, o elemento de próclise facultativa e o elemento proclisador não tradicional. O quadro 1 apresenta os contextos analisados pelos autores.

QUADRO 1. O contexto V1 e os elementos que constituem a variável linguística “Elemento que antecede o verbo”

V1	Elemento proclisador tradicional	Elemento de próclise facultativa	Elemento não proclisador tradicional
Verbo em posição inicial absoluta.	Partícula de negação Pronome relativo <i>que</i> Operadores de foco Quantificadores Elementos subordinativos Elementos discursivos Outros pronomes relativos	Preposição Advérbios Locuções adverbiais	Sujeito Conjunção coordenativa

Fonte: SILVA e ARAÚJO, 2022, p. 168.

Das 723 ocorrências de clíticos em lexias simples na amostra dos autores, verificou-se o favorecimento da próclise, ocorrendo em 71,4% dos casos contra 28,6% de ênclise⁷. Em seguida, os autores apresentam o seguinte quadro de ocorrência de próclise por contexto analisado (grifo nosso). Optamos por destacar os resultados da seguinte forma: verde para porcentagens maiores de 80%, amarelo para porcentagens entre 65 e 75%, e rosa abaixo de 52%.

⁶ Embora os autores tenham apontado a existência de dados de português como L2 no inquérito, tais dados não foram utilizados diretamente na pesquisa.

⁷ Os dados totais fornecidos pelos autores de 723 ocorrências de clíticos, sendo 516 de próclise e 207 de ênclise (SILVA e ARAÚJO, 2022, p.168), não coincidem com o total apresentado no quadro 2, em que se verificam 594 dados de próclise. Apesar desse equívoco, optamos por manter a referência a esse estudo, já que o que nos é relevante foi a constatação dos autores acerca da preferência dos angolanos por próclise.

QUADRO 2. A aplicação da próclise nos diferentes contextos na amostra de fala do português luandense

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Partícula de negação	91/94	96%	.92
Preposição “de” e “para”	43/48	89%	.68
Pronome relativo “que”	58/63	92%	.64
Operadores de foco	26/31	83%	.53
Quantificadores	2/3	66%	.46
Sujeitos	96/137	70%	.37
Elementos subordinativos	51/60	85%	.35
Outros pronomes relativos	8/11	72%	.34
Elementos discursivos	9/13	69%	.31
Advérbios / Locuções adverbiais	29/59	49%	.29
Posição inicial absoluta	16/34	47%	.14
Conjunções coordenativas	21/41	51%	.12

Fonte: SILVA e ARAÚJO, 2022, p. 169-170

Os dados em rosa são de particular relevância para nós, pois demonstram a variação entre próclise e ênclise em PA, sustentando a argumentação de que esta variedade tem um comportamento distinto de PB e de PE. As conjunções coordenativas, por exemplo, não favorecem próclise em PE, enquanto, nesse contexto específico na amostra de Silva e Araújo (2022), a próclise ocorre em 51% dos casos, indicando que, em PA, esse é um contexto de colocação variável.

Porém, o contexto V1 parece ser o mais revelador para a proposta de contínuo que aventamos neste artigo, como atestam os resultados sintetizados no quadro 3.

QUADRO 3. A produtividade da próclise segundo o contexto em que figura o clítico pronominal

Contexto	Aplicação / Total	Porcentagem
V1 (Posição inicial absoluta)	16/34	47%
Elemento proclisador tradicional	245/275	89%
Elemento de próclise facultativa	72/107	67%
Elemento não proclisador	117/178	65%

Fonte: SILVA e ARAÚJO, 2022, p. 176

Em contexto V1, a próclise ocorre em 47% dos casos. Este é mais um fato que corrobora a hipótese de que o PA tem características distintas tanto do PB quanto do PE. Porém, considerando-se o contexto não inicial com um elemento não proclisador antes do clítico, vemos a incidência de próclise em 65% dos casos, indicando que o PA parece possuir propriedades mais próximas do PB do que do PE.

Araújo e Silva (2018) analisam o PA com base em um *corpus* formado por 24 entrevistas sociolinguísticas. Levando em consideração uma análise geral, a próclise ocorreu em 75% dos 507 dados de lexias simples, diferentemente de Silva e Araújo (2022).

Os informantes de Araújo e Silva eram nascidos em Luanda e no interior de Angola. Além disso, possuíam diferentes níveis de escolaridade. Os dados confirmam o favorecimento da próclise em contextos semelhantes aos resultados de Silva e Araújo (2022).

QUADRO 4. Favorecimento da variante proclítica
segundo a variável elemento que antecede imediatamente o verbo

Elemento antecedente ao verbo	Valor de aplicação / ocorrências	Porcentagem
Nenhum elemento	67/117	57%
SN - Sujeito Nominal	36/61	59%
SN - Sujeito Pronome Pessoal	64/71	90%
SN - Sujeito Indefinido	9/10	90%
SN - Sujeito demonstrativo	1/2	50%
Sintagma adverbial de negação	59/60	98%
Outros sintagmas adverbiais	42/52	80%
Vocativo	1/2	50%

Fonte: FARIAS e ALVES, 2018, p. 158

Chama atenção, novamente, o fato de a próclise não ser absoluta nos contextos V1 (57%), como também ocorreu nos dados de Silva e Araújo (2022). Os resultados de Araújo e Silva (2018) demonstram ainda que, diferentemente do PE, ocorre próclise em 59% dos dados nos quais o elemento antecedente é um sujeito nominal, sendo a quantidade de próclise com sujeito pronominal pessoal e indefinido ainda mais significativa (90% em ambas).

Ademais, os autores afirmaram que o fator escolaridade é relevante, pois, assim como no Brasil, a norma culta em Angola se baseia no PE, logo a prescrição gramatical para a colocação pronominal é a ênclise. Os dados dos autores confirmam esse fato, uma vez que informantes com escolaridade baixa ou nula empregaram mais próclise (88%) do que aqueles com escolaridade superior (63%). Note-se, contudo, que, apesar de o padrão proclítico sofrer uma queda nos falantes mais escolarizados, a porcentagem de 63% ainda é consideravelmente mais alta que a de ênclise (37%), indicando que a escolaridade tem um papel marginal em relação à gramática nuclear da L1 dos angolanos, assim como à dos brasileiros (cf. KATO, 2005).

Em relação à localidade, os informantes da capital usam menos próclise (62%) do que os do interior (83%). Farias e Alves (2018) apontam para o fato de Luanda ser marcada pelo multilinguismo, pois há cerca de 40 línguas africanas ali coabitando. Essa realidade linguística teve início na segunda metade do século XX, quando muitos angolanos migraram para a capital devido às consequências da guerra civil (1975-2002) em busca de uma vida melhor. Importante destacar que, além do convívio de todas essas línguas africanas, os migrantes tiveram que aprender o português através da oralidade, pois não tinham a oportunidade de passar pelo processo de escolarização.

A questão do multilinguismo é de grande relevância para todas as variedades africanas analisadas neste artigo. Além disso, apesar de o Brasil ainda ser um país multilíngue, a maneira como a sociedade brasileira contemporânea se constitui é diferente do seu tempo de colônia em que, em muitas regiões, o português convivia mais ativamente com as línguas autóctones e com as línguas dos africanos (cf. CALINDRO, 2009; 2012; BARROS e CALINDRO, 2023).

Araújo e Silva (2018) não deixam claro em seu trabalho a quantidade de informantes cuja língua materna é o português e quantos teriam português como língua não materna. O que se depreende do texto é que os informantes nascidos em Luanda teriam português como língua nativa, pois, segundo os autores (p. 164), “os filhos dos migrantes que nasciam em Luanda, diferentemente dos seus pais, já tinham o português como língua nativa.” Logo, os informantes não nascidos em Luanda, cuja L1 é uma língua africana, usam mais próclise (83% - 226/272) que os nascidos na capital (65% - 157/235).

Note-se que, apesar de parecer que os autores fazem a distinção entre “nascidos em Luanda”, que falariam português como L1, e “nascidos no interior”, que teriam o português como L2, anteriormente, afirmou-se que os luandenses apresentaram 62% de próclise (125/201) e os interioranos 83% (225/306), o que difere numericamente dos dados apresentados no final do último parágrafo. O porquê dessa diferença numérica não é explicado no texto. Além disso, sabemos que é essencial separar mais claramente falantes de português L1 e L2. Pretendemos fazê-lo em trabalhos futuros, porém mantivemos a discussão pautada no trabalho de Araújo e Silva (2018), considerando que seus dados coadunam-se aos tratados por Silva e Araújo (2022), e trazem assunções interessantes acerca dos resultados relacionados à escolarização dos informantes.

Em relação a dados de língua escrita, Mutali (2019) analisou obras literárias de três autores angolanos: *A Sul. O Sombreiro*, de Pepetela, *Os Transparentes* e *Os da minha rua*, de Ondjaki, e *A última ouvinte*, de Gociante Patissa. O último nasceu em Monte Belo, Benguela, em 1978, falante de Umbundu, que tem português como L2. Pepetela e Ondjaki são ambos falantes de português L1, tendo o primeiro nascido na Angola colonial, em Benguela, em 1941, filho de pais portugueses, e o segundo nascido em Luanda, dois anos após a independência, em 1977. O autor apresenta o quadro seguinte com os resultados das quatro obras analisadas.

QUADRO 5. Comparação dos valores entre as quatro obras em contexto de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB

Ênclise obrigatória no PE (Próclise no PB)		Os da Minha Rua		Os Transparentes		A Última Ouvinte		A Sul o Sombreiro		Total
Frase matriz afirmativa V1	P	22	43,1%	22	29,3%	18	78,3%	275	54,2%	337
	E	84	70,6%	446	61,1%	84	60,9%	137	36,1%	751
Frase matriz afirmativa não V1	P	0	0,0%	9	12,0%	0	0,0%	77	15,2%	86
	E	26	21,8%	78	10,7%	34	24,6%	54	14,2%	192
Infinitiva com preposição a	P	3	5,9%	8	10,7%	0	0,0%	30	5,9%	41
	E	3	2,5%	26	3,6%	3	2,2%	19	5,0%	51
Infinitiva sem preposição	P	21	41,2%	34	45,3%	5	21,7%	78	15,4%	138
	E	6	5,0%	124	17,0%	17	12,3%	137	36,1%	284
Gerundiva	P	1	2,0%	1	1,3%	0	0,0%	47	9,3%	49
	E	0	0,0%	56	7,7%	0	0,0%	33	8,7%	89
Participial	P	4	7,8%	1	1,3%	0	0,0%	0	0,0%	5
	E	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0
Total	P	51	30,0%	75	9,3%	23	14,3%	507	57,2%	656
	E	119	70,0%	730	90,7%	138	85,7%	380	42,8%	1367

Fonte: MUTALI, 2019, p. 94

Assim como nos dados de Araújo e Silva, apesar de haver um aumento no uso de ênclise em comparação com os dados de fala, eles não alcançam os mesmos padrões do PE. Aqui não faremos uma análise mais detida dos dados e das obras, pois, na presente análise comparativa, destacam-se as obras *Os da minha rua*, de Ondjaki⁸, e *A Sul. O Sombreiro*, de Pepetela, ambos falantes de PA L1. Na primeira obra, a ocorrência global de próclise é de 30% e, na segunda, ultrapassa os dados de ênclise, chegando a 57,2%. Além disso, na comparação entre todas as obras, em todos os contextos, há 656/2023 dados de próclise (32,43%) contra 1367 de ênclise (67,57%). Tendo em vista que a análise de Mutali se baseia em dados escritos, em que se esperava um padrão de colocação mais parecido com o do PE, esses fatos confirmam a tendência à próclise verificada na fala dos angolanos, uma vez que a colocação pré-verbal se faz relevante nos dados escritos. Essa assunção fica ainda mais fortalecida se olharmos apenas a obra *A Sul. O Sombrei-*

⁸ Em nossa argumentação, optamos por não tratar dos dados coletados em *Os Transparentes*, considerando o seguinte fato apontado por Mutali (2019, p. 95): “Na fase do tratamento dos dados, a maior dificuldade com que nos deparamos para identificar as ocorrências de clíticos em frases V1 foi a avaliação das fronteiras frásicas em *Os Transparentes*, de Ondjaki, que apresenta uma estruturação sintáctica muito complexa (...)”. Além disso, Mutali (2019) acrescenta que, como se verifica no quadro 5, *Os Transparentes* apresentam uma porcentagem de próclise menor que em *Os da Minha Rua*, e afirma (p. 97): “(...) Mas isso deve-se, possivelmente, apenas ao facto de a percentagem de próclise em *Os Transparentes* ser globalmente muito inferior à que se regista em *Os da Minha Rua*”.

ro, de Pepetela, em que a quantidade de próclise ultrapassa a de ênclise. Como mencionado anteriormente, o autor é falante de português L1 e filho de portugueses, logo esperava-se que seu padrão fosse mais enclítico, porém não é o que os dados de sua obra revelam. Assim, Mutali (2019) propõe a seguinte escala para os contextos mais propensos à próclise em PA (MUTALI, 2019, p. 28): “Infinitivas com preposição > Infinitivas sem preposição > Finitas não V1 > Finitas V1/Gerúndio > Participípio Passado”.

Mutali (2019) analisou ainda dados de edições *online* publicadas entre 2018 e 2020 de dois jornais angolanos: *Jornal de Angola* e *O País*⁹. Nessa análise, os dados coletados pelo autor demonstram claramente a pressão normativa de seguir o padrão do PE, mesmo resultado obtido por Calindro (2009) em um *corpus* jornalístico brasileiro. Dos 120 dados encontrados no *Jornal de Angola*, 117 seguem o padrão do PE e, nas 44 ocorrências de *O País*, 39 estão de acordo com a norma gramatical. De qualquer forma, os resultados reportados nesta seção mostram que a ênclise generalizada ocorre em razão de uma pressão normativa, uma vez que, no PA vernacular, na verdade, há variação entre ênclise e próclise, ao que parece, com uma tendência de aumento de próclise.

2.4 Português moçambicano

O português foi estabelecido como língua ensinada nas escolas moçambicanas em 1930 e como língua oficial somente após a independência em 1975. Os dados coletados pelos censos feitos entre 1980 e 2017 demonstram a situação de multilinguismo do país, como podemos verificar no Quadro 6: ainda em 2017, apenas 16,6% da população tinha português como língua materna, o que confirma que a situação do PM é bem distinta do PB, e mesmo do PA.

QUADRO 6. Distribuição percentual da população de 5 ou mais anos de idade segundo a língua materna e o conhecimento do português declarados nos censos de 1980, 1997, 2007 e 2017 – Moçambique

Censo	Declaram ter como língua materna:			Declaram:	
	Línguas do grupo <i>bantu</i>	Português	Outras	Saber falar Português (L1/L2)	Não saber falar português
1980	98,8	1,2	–	24,4%	75,6%
1997	93,0	6,5	0,5	39,5%	60,5%
2007	85,2	10,7	4,1	50,4%	49,6%
2017	81,1	16,6	2,3	47,4%	5,6%

Fonte: INE (2010) sobre Censo de 1980, 1997 e 2007 e INE (2019) sobre Censo de 2017 (VIEIRA e CAETANO, 2021, p. 175).

⁹ O autor não especifica o número exato de publicações analisadas.

Para analisar a língua oral, Vieira (2002) utilizou 100 entrevistas de pessoas com diferentes línguas maternas (ronga, changana e macua) (cf. STROUD e GONÇALVES, 1997), e, para a língua escrita, o *Jornal de Notícias* e a *Revista Tempo*.

A autora nota que o efeito proclizador de alguns elementos em PM é semelhante ao efeito em PE, a saber: a partícula de negação, os pronomes/advérbios relativos e a palavra QU-, o elemento *que*, as preposições *para*, *de* e *sem*, o sintagma adverbial (SAdv) do tipo *aqui* e a conjunção subordinativa/integrante *se*. Ainda, a autora aponta que os fatores que favorecem a ênclise em PM são análogos aos do PE discriminados em Vieira (2011) e mencionados anteriormente: conjunções coordenativas, conjunção integrante *que*, SN sujeito nominal e as preposições *a* e *em*.

Já Caetano (2019) verificou 51% de próclise após sujeitos e conjunções coordenadas. Além disso, diferentemente de Vieira (2002), a autora adiciona as conjunções integrantes *que* e *se* como favorecedoras de próclise em PM, bem como as preposições em geral. Interpretamos que esses dados revelam que o padrão de colocação pronominal em PM tem suas características próprias, distintas do padrão normativo do PE, como confirma o estudo de Mapasse (2005), ao qual nos reportaremos a seguir.

Além dos dados orais, para compreender o *status* da colocação pronominal em PM, nos reportamos ao estudo de Mapasse (2005), que analisa uma amostra escrita constituída por redações de estudantes de 17 a 48 anos, de três níveis de escolaridade diferentes, coletada na cidade de Nampula, mas que conta com informantes de diversas regiões do país. Dos 75 colaboradores, 69 sabem uma ou mais línguas bantu e apenas seis falam somente português. Dos falantes de línguas bantu, 40 indicaram português como sua língua materna, enquanto os outros 29 afirmam ter uma língua bantu como L1, mas ter aprendido português antes de entrar na escola. Segundo Mapasse, além da L1 (português/ língua bantu), os informantes ainda falam mais línguas, como ilustrado no quadro 7.

QUADRO 7. Línguas faladas pelos entrevistados moçambicanos

Língua Materna (L1) dos inquiridos - Frequência %								
Línguas declaradas	Básico		Médio		Superior		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Português	18	72,0%	18	72,0%	10	40,0%	46	61,3%
Emakhuwa	5	20,0%	6	24,0%	5	20,0%	16	21,3%
Xinchangana	1	4,0%	1	4,0%	1	4,0%	3	5,3%
Elomwe	1	4,0%	-	-	2	8,0%	3	4,0%
Echuwabo	-	-	-	-	4	16,0%	4	5,3%
Cisena	-	-	-	-	1	4,0%	1	1,3%
Cinyanja	-	-	-	-	1	4,0%	1	1,3%
Gitonga	-	-	-	-	1	4,0%	1	1,3%

Fonte: MAPASSE, 2005, p. 33

Segundo Mapasse, citando Gonçalves (2001, p. 979), o português tem alcançado lugar de prestígio nas novas gerações das classes mais favorecidas, e as línguas bantu passam a ficar reservadas a ambientes familiares. Há em Moçambique, portanto, um tipo de bilinguismo funcional, em que o falante se adequa à necessidade da situação social em que se encontra. De qualquer forma, as línguas bantu ainda mantêm seu prestígio em situações formais, como atividades religiosas, transmissões midiáticas, mobilização política e campanhas de alfabetização.

Mapasse também analisou cartas de leitores e editoriais da revista *Tempo*. A autora opta por fazer uma análise comparativa, considerando a colocação padrão portuguesa como correta. Assim, no quadro 8, apresentam-se “desvios quanto ao padrão de colocação” (p. 63).

QUADRO 8. “Desvios” em relação à norma padrão em PM

Desvios quanto ao padrão de colocação						
	Básico	Médio	Superior	Editoriais	CLeitores	Total
Total Ocor	97	52	56	3	19	227
próclise por ênclise	16	17	12	2	4	51
ênclise por próclise	51	12	30	-	12	105
“casos duvidosos”	28	22	13	1	3	67
reduplicação de CI	2	1	1	-	-	4
% próclise por ênclise	16,5%	32,7%	21,4%	66,7%	21,1%	22,4%
% ênclise por próclise	52,6%	23,0%	53,6%	33,3%	63,2%	46,3%
% “casos duvidosos”	29,0%	42,3%	23,2%	-	15,7%	29,5%
% reduplicação de CI	2,1%	2,0%	1,8%	-	-	1,8%

Fonte: MAPASSE, 2005, p. 63

Note-se que, diferentemente de outros estudos apresentados neste artigo, Mapasse não apresenta as quantidades de próclise e de ênclise presentes em seu *corpus*, mas faz uma comparação entre a norma europeia e a de Moçambique. Assim, a autora considera o padrão do PE como a forma correta e as outras desviantes. Seus dados mostram que houve uso de próclise em vez de ênclise em 51 dados de 227 (configurando 22,4% do total). Porém, o que nos chama mais atenção são os 105 dados em que há ênclise no lugar da próclise (equivalente a 46,3% do total). Esses dados revelam que houve hipercorreção, presente principalmente em dados escritos (cf. CALINDRO, 2009), pois se ensina nas escolas que o padrão de colocação pronominal é a ênclise. Uma vez que este padrão não faz parte da L1 dos falantes, ao tentar utilizá-lo nos dados escritos, os informantes não reconhecem os atratores de próclise e generalizam o padrão pós-verbal, como uma tentativa de se adequar à norma culta. Gostaríamos de salientar que, neste artigo, não consideramos a variação entre próclise e ênclise como “desviante”, muito menos que

há uma forma “correta” de colocação pronominal, como argumenta Mapasse. De qualquer forma, os dados analisados pela autora revelam que os resultados em relação à língua escrita estão em consonância com o que Caetano (2019) afirmou para a língua oral, ou seja, PM apresenta variação entre ênclise e próclise, devido a propriedades de colocação pronominal divergentes daquelas do PE.

Outro fator que chama atenção são os “casos duvidosos” de Mapasse. Essa categoria foi criada porque, em alguns casos de sequências verbais, não foi empregado o hífen, de modo que ela considerou que não era possível determinar a colocação do clítico. Esses dados podem indicar que o padrão moçambicano está mais próximo do brasileiro, em que não há hífen nas sequências verbais e, assim, considera-se que o clítico está proclítico ao verbo principal. Tal fato nos faz aventar, como veremos na seção 3, que, no contínuo que propomos, o PM está entre o PE e o PB.

2.5 Português são-tomense

Segundo Gonçalves (2009), São Tomé e Príncipe é um espaço plurilinguístico, onde o português começa a se firmar como língua materna apenas no século XXI. Assim, o português são-tomense era até então aprendido como segunda língua. De acordo com os dados dos censos de 1991 e de 2001, a maioria da população é bilíngue, como se verifica no quadro 9.

QUADRO 9. Dados sobre as línguas faladas – censos de 1991 e de 2001 – da população com mais de 5 anos

	Pessoas > 5 anos	Português	Santomé	Lung'ie	Outras Línguas
1991	—	99,8%	73,5%	1,6%	13,4%
2001	137. 599	98,9%	72,4%	2,4%	12,8%

Fonte: VIEIRA, 2016, p. 82

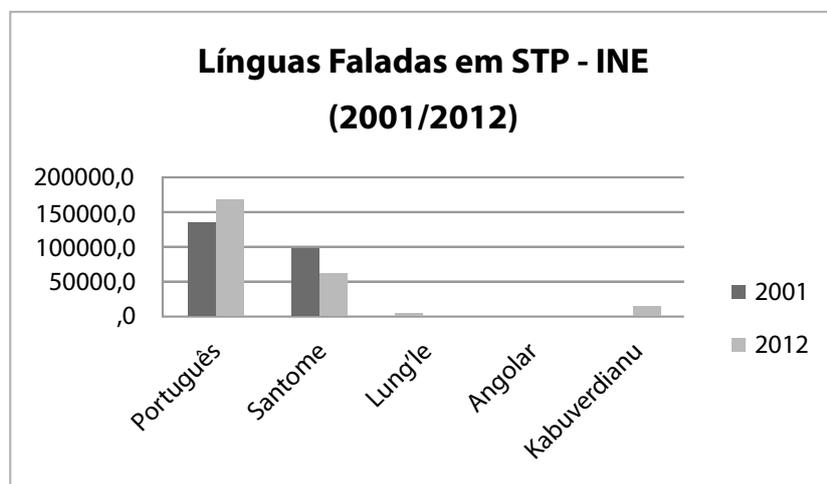
Gonçalves (2009) afirma que, diferentemente dos caboverdianos, por exemplo, os habitantes de São Tomé e Príncipe têm dificuldade de indicar sua L1, mas, quando perguntados pela autora sobre sua língua habitual, a resposta unânime foi o português.

De acordo com Balduino e Bandeira (2022), esse quadro se explica pelo fato de São Tomé ter passado por vários momentos de colonização e de recolonização, tornando-se uma nação multilíngue da qual fazem parte quatro línguas crioulas de base portuguesa, que surgiram no primeiro período colonial (a partir do século XV) e eram mais faladas que o português até poucas décadas atrás. Tais línguas crioulas são o santome (ou forro), que é o crioulo dominante, o angolar (ou *lungwa ngola*), falada pelos angolares de São Tomé (comunidade composta por escravos fugidos das roças), o *lung'ie*, crioulo da ilha de Príncipe, e o kabuverdiano, que foi levado a São Tomé no século XX¹⁰. São Tomé passou a ser o país africano percentualmente com o maior

¹⁰ Gonçalves (2009) cita também a língua dos Tongas, mas como essa não está nos dados do censo, resolvemos não colocá-la no corpo do texto.

número de falantes do português como L1, como é possível verificar nos dados do censo acima, atualizado no gráfico 3 a seguir. Note-se que, no censo de 2001, o angolano e o kabuverdiano não foram contabilizados.

GRÁFICO 3. As línguas faladas em São Tomé e Príncipe



Fonte: BALDUINO e BANDEIRA, 2022, p. 993.

O aumento do português como L1 no país ocorreu devido à promoção da língua por instituições, tais como escolas e mídias, em decorrência da urbanização e da democratização do ensino. Assim, apesar do multilinguismo, o português passou a ter lugar de destaque, como se verifica no quadro 10.

QUADRO 10. Comparação dos censos de 1981, 1991, 2001 e 2012 empreendidos em São Tomé e Príncipe

	Português	Santome	Lung'le	Angolar	Kabuverdianu	Outras
1981	60.519	54.387	1.533	-	-	8.180
1991	94.519	69.999	1.558	-	-	12.781
2001	136.085	99.621	3.302	-	-	17.612
2012	170.309	62.889	1.760	1.217	14.725	4.224

Fonte: BALDUINO e BANDEIRA, 2022, p. 1012

Novamente, é importante ressaltar que os resultados apresentados não são excludentes, ou seja, um falante de português pode ser também falante de qualquer outra língua. Infelizmente, os dados fornecidos não estabelecem quais línguas foram adquiridas como L1 e quais como L2. Balduino e Bandeira aventam, também, a possibilidade de os falantes não admitirem que falam alguma língua autóctone, por as considerarem de menor prestígio que o português. A língua portuguesa é usada em registros burocráticos e pela elite local, detendo maior prestígio, além de estar presente na educação formal e nos meios de comunicação. Ademais, há uma certa resis-

tência dos adultos fornecerem dados das línguas autóctones como *input* para as crianças, com receio de que estas atrapalhem a aquisição do português.

A respeito especificamente do fenômeno da colocação pronominal, Gonçalves (2009) analisou um *corpus* coletado, em 2008, composto de 10 entrevistas realizadas na cidade de São Tomé. A autora constatou que há variação entre próclise e ênclise nos mesmos contextos, e argumenta que essa seria uma característica típica de uma língua que, apesar de estar alcançando *status* de L1, foi adquirida como L2. Assim, os vários estágios da língua, entendidos como interlínguas, são passíveis de fossilização, logo certas estruturas podem ser distintas da língua-alvo. De acordo com Gonçalves (2009), os dados com os clíticos atestam que o PST é uma interlíngua ainda não fossilizada, pois apresenta variação nos mesmos contextos, o que ainda não nos permite caracterizar da mesma forma que outras variedades do português, como o PB, as características de seu sistema linguístico.

Porém, já é possível confirmar tendências nos dados de PST. Nos exemplos apresentados por Vieira (2016), assim como em Gonçalves (2009), constata-se que há preferência pela ênclise (59%), mas não de forma tão significativa, pois há 40% de próclise nos dados¹¹. Já em contextos específicos, como o de V1, ocorre ênclise categórica como em PE. Assim, embora os índices de ênclise sejam superiores aos do PE, percebe-se que o estatuto da regra em PST ainda é variável, face aos índices de próclise. Além disso, embora haja certa instabilidade, observa-se a influência de efeito proclisador, novamente, de maneira semelhante ao PE, sobretudo em contextos de emprego de partículas de negação, conjunções subordinativas e preposições. No entanto, há atratores de próclise, como operadores de foco, que não se comportam como proclisadores em PST.

Em complexos verbais, em que se considera auxiliar como V1 e verbo principal como V2, Vieira (2016) atestou o seguinte cenário: próclise a V2 (22%), padrão do PB, ênclise a V1 (60%), padrão do PE, e ênclise a V2 (18%). Nos casos em que V2 é infinitivo, observa-se: próclise a V1 (21%), ênclise a V1 (57%) e ênclise a V2 (22%). Com V2 gerundivo, há: próclise a V1 (18%) e ênclise a V1 (82%). Finalmente, com V2 participial, há: próclise a V1 (40%) e ênclise a V1 (60%).

Dessa forma, os resultados confirmam maior proximidade do PST à norma do PE, contudo, acreditamos que esse fator está relacionado ao contexto de aquisição de português em São Tomé. Logo, apesar de nos últimos anos o português ser a língua de prestígio no país, ainda apresenta características de L2.

3. Do contínuo da colocação pronominal

Os dados até aqui apresentados revelam que todas as variedades elencadas do português apresentam características que as aproximam ou distanciam umas das outras, ao mesmo tempo em que apresentam características particulares. Contudo, assim como Silva e Araújo (2022),

¹¹ Parte da amostra de Vieira é comum ao conjunto de dados do *corpus* VAPOR também verificados por Gonçalves (2009). No entanto, enquanto esta usou apenas parte dos dados produzidos por dez informantes cujas entrevistas estavam transcritas, aquela analisou a totalidade das ocorrências produzidas por esses informantes, além de todas as estruturas com clíticos verificadas em outros sete inquéritos não analisados por Gonçalves (2009).

acreditamos que alguns contextos são mais reveladores a respeito do comportamento em relação à colocação pronominal nas diferentes variedades.

O primeiro é o contexto V1. Em PE, ocorre ênclise absoluta neste contexto, assim como em PST. O PM apresenta maior ocorrência de ênclise, como atestado por Caetano (2019), que verificou 82% de colocação pós-verbal em seu *corpus*. Note-se, contudo, que há ocorrência de 18% próclise na amostra do PM dessa autora. A colocação pré-verbal aumenta para 47% nos dados gerais do PA (cf. SILVA e ARAÚJO, 2022), o que demonstra uma variação mais significativa entre as duas opções de colocação. Por fim, ocorre próclise generalizada com V1 em PB. Nesta variedade, atesta-se a ênclise em contextos monitorados, além de uma tendência de ênclise em três contextos específicos – com indeterminação do sujeito, infinitivos seguidos de clíticos de 3ª pessoa e expressões fixas. A partir dessas constatações, propomos o seguinte contínuo, da menos à mais favorecedora de próclise: PE > PST > PM > PA > PB.

Esta proposta também é sustentada pelos dados relacionados ao clítico empregado em contexto sentencial iniciado por sujeito ou conjunção coordenada. Em PE, há ênclise generalizada. Em PST, a ênclise é preferencial, atestada em 79% dos dados de Vieira (2016). Já PM, apresenta variação entre as duas colocações, como confirmam os dados de Caetano (2019), em que, mesmo havendo 82% de ênclise ao verbo auxiliar em complexos verbais, há 51% de próclise após sujeitos e conjunções coordenadas. Mais uma vez, o PA se aproxima mais do PB, com 65% de próclise nos dados de Silva e Araújo (2022). Em PB, a próclise generalizada nesses contextos independe do grau de escolaridade do indivíduo.

Assumimos, portanto, que os dados e as discussões apresentadas neste artigo revelam que, quanto mais longo o período de tempo em que a língua é adquirida como L1 pela população, mais ela parece perder as características da variedade do português do colonizador e se aproximar do PB, como seria o caso do PA.

O PST, que alcançou prestígio entre os seus falantes apenas no século XXI, disputa lugar com as línguas autóctones, e ainda tem mais características de L2 que de L1, é a variedade que mais se aproxima do PE, pois, quando não há atrator de próclise, a colocação predominante é a ênclise. Já o PA se aproxima mais do PB, mesmo a próclise não sendo categórica em contextos em que o é em PB. Por fim, o PM está, de certa forma, em um ponto equidistante do PE e do PB.

Podemos supor que esse contínuo está diretamente relacionado a questões históricas, uma vez que, como mencionado anteriormente, o PB já apresenta características próprias desde o séc XVIII. No continente africano, Angola é o país em que o português como L1 começou a se desenvolver primeiro, como vimos na seção 2.3, seguido de Moçambique, que, de fato, está em um ponto medial do contínuo aqui proposto. Por fim, o PST é, na verdade, uma língua adquirida recentemente como L1 em detrimento de outras, ou seja, ainda não passou pelos processos que a variedade brasileira passou, por exemplo. Logo, assumimos que a maior proximidade do PST ao PE se deve ao fato de, apesar de ser a L1 de muitos, ainda possuir características fortes do seu superstrato, o PE normativo (cf. BARROS e CALINDRO, 2023).

A questão de o PST ser, na verdade, uma variedade que reflete o caráter de L2 pode ser confirmada pelo fato constatado por Vieira (2016) de que, nos contextos em que há atratores de próclise, houve 24% de ênclise, ou seja, diferentemente do PE, os atratores de próclise não atuam

de forma categórica em PST. Podemos supor que essas ocorrências caracterizam hipercorreção, quando os falantes tentam reproduzir a norma culta, mas, por não terem pleno domínio dessa norma, acabam produzindo dados que não refletem o vernáculo de nenhuma das variedades (cf. CALINDRO, 2009, 2012).

Conforme argumentamos até aqui, observando a frequência bruta dos índices de próclise nas línguas investigadas (PE > PST > PM > PA > PB) em contextos de início absoluto de sentença e em outros contextos sintáticos relevantes, identificam-se colocações pronominais distintas, que parecem apontar para um contínuo entre gramáticas mais enclíticas e mais proclíticas. Levando em consideração apenas o fator frequência bruta, o PST possuiria menores índices de próclise do que o próprio PE, o que poderia ser um argumento para o alocar em um extremo oposto de um contínuo em relação ao PB. Contudo, fatores como o grau de opacidade de proclisadores e a possibilidade ou não de próclise em início absoluto também devem ser levados em consideração nessa proposta. Argumenta-se que um dos principais fatores para alocar o PST em uma posição posterior ao PE é a opacidade de operadores de foco (ou, como mencionado, possivelmente uma hipercorreção no caso do PST) como indutores de próclise nesta língua, diferentemente do PE.

Por fim, assumimos que um contínuo entre línguas pode ser interpretado como o subproduto de um conjunto de propriedades linguísticas que são compartilhadas em maior ou menor extensão por determinadas línguas. Teoricamente, a adoção da noção de contínuo pode ser uma frutífera maneira de comparar valores microparamétricos entre línguas aparentadas (Ledgeway e Roberts, 2017). Especificamente no caso do PE, do PST, do PM, do PA e do PB, embora sejam, por exemplo, línguas de linearização prototípica SVO, elas se diferenciam em relação ao padrão de colocação pronominal, bem como em relação a outras propriedades.

4. Considerações finais

Este artigo teve como objetivo enriquecer a compreensão da estrutura sintática dos clíticos. Assim, a presente pesquisa empreendeu uma análise comparativa entre PE, PB, PA, PM e PST. A partir da avaliação dos dados considerados, postulou-se um contínuo entre essas gramáticas, levando em consideração fatores como a frequência bruta de próclise e de ênclise, a opacidade de proclisadores e o comportamento dos clíticos em contexto de início absoluto de sentença. Assim, formulou-se o seguinte contínuo: (- proclíticas) PE > PST > PM > PA > PB (+ proclíticas).

Este estudo revelou semelhanças e diferenças entre as línguas analisadas, destacando a importância de contextos específicos na compreensão do comportamento da colocação pronominal. O contexto V1 evidencia o uso predominante de ênclise em PE e PST, enquanto o PM apresenta variação entre ênclise e próclise; PA demonstra uma tendência significativa à próclise, e PB exhibe próclise generalizada. Da mesma forma, a análise de sujeitos e de conjunções coordenadas precedendo os clíticos indicou um padrão similar, com o PE e o PST privilegiando a ênclise, e o PB optando pela próclise.

Considerou-se, neste estudo, que a sugestão de um contínuo sintático, com a ordem (- proclítica) PE > PST > PM > PA > PB (+ proclítica), poderia ser reforçada também por fatores como



a aquisição da língua como L1 e a presença de outros idiomas no contexto do PST, PM e PA, ocasionando uma transmissão com características de aprendizado de L2 para outras gerações.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Ana Regina Vaz Calindro: conceituação, curadoria de dados, investigação, metodologia e redação (esboço original)

Matheus Gomes Alves: conceituação, curadoria de dados, investigação, metodologia e redação (revisão e edição)

Adriana Leitão Martins: conceituação, curadoria de dados, investigação, metodologia e redação (revisão e edição)

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores não têm conflito de interesses a declarar.

REFERÊNCIAS

BARROS, Isis; CALINDRO, Ana. 2023. Double Object Constructions in Afro-Brazilian Portuguese: contact driven L2 acquisition and Maximize Minimal Means. *Romance grammars: context and contact. Special issue of Isogloss. Open Journal of Romance Linguistics*. v. 9. n. 2, p. 1-26, 2023.

ARAÚJO, Silvana; SILVA, Manuel. Uma análise variacionista da colocação dos pronomes clíticos no português falado em Luanda-Angola. *Diálogos Pertinentes - Revista Científica de Letras*, v. 14, n. 2, p. 147-167, 2018.

BALDUINO, Amanda; BANDEIRA, Manuele. A ascensão da língua portuguesa em São Tomé e Príncipe. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, v. 16, n. 3, p. 991-1025, 2022.

CAETANO, Ana Carolina. **Análise Variacionista da Ordem dos Clíticos Pronominais no Português de Moçambique**. Monografia de Graduação (Letras: Português-Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

CAETANO, Ana Carolina; VIEIRA, Silvia Rodrigues. Análise variacionista da ordem dos clíticos pronominais no português de Moçambique. *Revista Diadorim*, v. 23, n. 1, p. 171-202, 2021.

CALINDRO, Ana. **A colocação dos pronomes clíticos em O Patrocínio**: periódico da imprensa negra de Piracicaba. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CALINDRO, Ana. A imprensa negra de Piracicaba e a colocação dos pronomes clíticos. *In: ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; LIMA-HERNANDEZ, Maria Célia (Org.). Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Fapesp, v. 3, 2012. p. 171-197.

CARNEIRO, Zenaide. **Cartas brasileiras (1809-1904)**: um estudo linguístico-filológico. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.



CARNEIRO, Zenaide. Colocação de clíticos em orações finitas em duas vertentes do português oral feirense: um contexto não variável. In: ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; TEIXEIRA, Eliana Pitombo; CARNEIRO, Zenaide (Orgs.). **Variação linguística em Feira de Santana - Bahia**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

CARNEIRO, Zenaide; GALVES, Charlotte. Variação e Gramática: colocação de clíticos na história do português brasileiro. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 7-38, 2010.

CASTILHO, Ataliba. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela; GONÇALVES, Anabela. Clíticos Especiais em Português Europeu e Brasileiro. **Unpublished manuscript**, Lisboa, 2002.

DUARTE, I.; MATOS, G.; GONÇALVES, A. Pronominal clitics in European and Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 113-141, 2005.

GALVES, Charlotte. **Ensaio sobre as Gramáticas do Português**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

GALVES, Charlotte. A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; MORAIS, Maria Aparecida Torres; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcelos; CYRINO, Sonia Maria Lazzarini (Orgs.). **Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007. p. 513-528.

GALVES, Charlotte. Mudança sintática no português brasileiro. **Cuadernos de la Alfal**, n. 12 (2), p. 17-43, nov. 2020.

GALVES, Charlotte; TORRES MORAES, Maria Aparecida; RIBEIRO, Ilza. Syntax and Morphology in the Placement of Clitics in European e Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, n. 2, p. 143-177, 2005.

GALVES, Charlotte; BRITTO, Helena; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, n. 1, p. 39-67, 2005.

GALVES, Chalotte; LOBO, Tânia. Ordem dos clíticos. In: LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson (Orgs.). **África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 174-207.

GONÇALVES, Perpétua. Panorama geral do Português de Moçambique. **Revue Belge de Philologie et D'Histoire. Langues et Littératures Modernes**. v. 79, n. 3, p. 977-990, 2001.

GONÇALVES, Rita. A colocação dos pronomes clíticos no português oral de S. Tomé: análise e discussão de contextos numa perspetiva comparada. **Unpublished manuscript**. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

KATO, Mary. Gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, Maria Aldina et al. (Orgs.). **Ciências da linguagem: 30 anos de investigação e ensino**. Braga: Centro de Estudos Humanísticos Universidade do Minho, 2005. p. 131-145.

KATO, Mary; CYRINO, Sônia Lazzarini; CORRÊA, Vilma Reche. Brazilian Portuguese and the recovery of lost clitics through schooling. In: PIRES, Acrisio; ROTHMAN, Jason (Eds.). **Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese**. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 2009. p. 245-272.



KROCH, Anthony. Syntactic change. *In*: BALTIN, Mark; COLLINS, Chris (Eds.). **The Handbook of Contemporary Syntactic Theory**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. p. 699-729.

LEDGEWAY, Adam; ROBERTS, Ian. **The Cambridge Handbook of Historical Syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

MAPASSE, Ermelinda. **Clíticos Pronominais em Português de Moçambique**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.

MUTALI, Henrique. **A Colocação dos Pronomes Clíticos no Português Angolano Escrito**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.

PAGOTTO, Emílio. **A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Língua Barroca: Sintaxe e História do Português nos 1600**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SILVA, Manoel Crispiniano Alves da; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. A atuação dos elementos antecedentes ao verbo na colocação pronominal no português oral luandense: breve comparação com variedades de língua portuguesa. **Cuadernos de la Alfal**, volumen especial, p. 161-180. ago. 2022.

STROUD, Christopher; GONÇALVES, Perpétua (Orgs.). **Panorama do Português Oral de Maputo – Volume I: Objetivos e Métodos**. Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, Maputo, 1997. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/explorar-por-autor.html?aut=133>>. Acesso em: 11 abr. 2024.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

VIEIRA, Maria de Fátima. **A cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no português europeu oral contemporâneo: uma investigação sociolinguística**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VIEIRA, Maria de Fátima. **A ordem dos clíticos pronominais nas variedades urbanas europeia, brasileira e são-tomense: uma análise sociolinguística do português no início do século XXI**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.